

Literatura Infantil e a Dupla Narrativa Verbal e Visual: como estas inter-relações podem favorecer a aprendizagem de conceitos matemáticos

Children's Literature and the Verbal and Visual Narrative: how these interrelationships can favor the learning of mathematical concepts

[DOI: 10.37001/ripem.v10i2.2171](https://doi.org/10.37001/ripem.v10i2.2171)

Aline Vieira da Cunha
alinepacto@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar as inter-relações entre narrativa verbal e visual na Literatura Infantil e como essas podem favorecer a aprendizagem de conceitos matemáticos. Para tanto, foi feita uma análise das ilustrações criadas para alguns Contos Clássicos Infantis das coleções Clássicos para sempre e Clássicos Ilustrados, ambas da editora Maurício de Souza, com o intuito de estabelecer se elas se colocam em relações de complementaridade ou de repetição com o texto escrito. A partir disso, buscou-se apresentar algumas possibilidades de uso da narrativa visual no processo de aprendizado de conceitos matemáticos relacionados a construção do número. O texto é permeado, em sua inteireza, pela ideia de que, ao trabalhar a leitura de imagens, o professor investe no desenvolvimento de outras atitudes leitoras que incentivam a formação de leitores autônomos.

Palavras-chave: Literatura infantil e matemática, dupla narrativa, narrativa verbal e visual, ilustração e matemática.

Abstract

This article aims to analyse the interrelationships between verbal and visual narrative in Children's Literature and how they may favour the learning of mathematical concepts. To this end, an analysis was made of the illustrations created for the collections of Classic Forever Classic and Illustrated Classical Children's Tales, both published by Maurício de Souza, in order to establish if they are in complementary or repetitive relations with the text Written. From this, we tried to present some possibilities of using visual narrative in the process of learning mathematical concepts related to the construction of numbers. In its entirety, the text is permeated by the idea that, when working on reading images, the teacher invests in the development of other reading attitudes that encourage the formation of autonomous readers.

Keywords: Children's literature and mathematics, double narrative, verbal and visual narrative, illustration, and mathematics.

1. Introdução – Posso “ver” o livro?

Este artigo debruça-se sobre algo quase inerente à Literatura Infantil: as ilustrações. A partir deste olhar, busca discutir as inter-relações entre narrativa verbal e

visual na Literatura Infantil e como essas podem favorecer a aprendizagem de conceitos matemáticos, mais especificamente os necessários à construção do conceito de número.

Para tal, inicialmente foi feito um aprofundamento teórico¹ sobre as relações estabelecidas entre a linguagem verbal e a visual e posteriormente foi feita uma análise das ilustrações criadas para alguns Contos das Coleções *Clássicos Ilustrados* e *Clássicos para Sempre*, ambas da Editora Maurício de Souza, com o intuito de apresentar algumas possibilidades de uso da narrativa visual no processo de aprendizado de conceitos matemáticos relacionados a construção do número.

A opção por analisar Contos Clássicos se deu pelo fato de serem estes, de acordo com Arnold (2016), os encontrados em maior profusão nas escolas e porque, segundo Machado (2009, p. 80), este tipo de história constitui-se em um “precioso acervo de experiências emocionais, de contatos com vidas diferentes e de reiteração da confiança em si mesmo”. Além disso, ao contrário do que se possa pensar, a autora afirma que “não saíram de moda, não. Continuam a ter muito o que dizer a cada geração, porque falam de verdades profundas, inerentes ao ser humano” (MACHADO, 2009, p. 82).

De acordo com Bettelheim (2017), esses contos colocam as coisas de forma breve e incisiva, simplificam as situações, confrontando a criança com dificuldades humanas básicas e por isso nada é mais enriquecedor e satisfatório. No entanto, embora sejam esses os livros mais encontrados nas escolas, são, também, os que mais sofreram alterações em suas histórias originais. Muitas vezes, o intuito de tornar estas histórias em leituras de iniciação resulta em textos sem qualidade literária, vazios tanto estética quanto artisticamente (ARNOLD, 2016), com as emoções primitivas e as marcas de violência extirpadas, o que elimina também o impacto psicológico do conto (BETTELHEIM, 2017). Por isso a escolha das coleções já mencionadas, pois apresentam narrativas verbais com adaptações não muito resumidas e instigantes narrativas visuais que dialogam com a verbal.

Ao se falar em Literatura Infantil, normalmente os adultos se remetem ao texto mas, as crianças, imediatamente, pedem para “ver” o livro, pois para muitas a ilustração constitui-se em um elemento fundamental para a compreensão da história. Em alguns casos é este diálogo entre o texto e a ilustração — que Aleixo (2014) define como dupla narrativa, verbal e visual — que vai suprir as lacunas deixadas pela linguagem escrita.

Isso se dá porque na infância, de acordo com Coelho (2000, p. 196), as experiências vividas pela criança são ainda limitadas e, por isso, muitas vezes ela

[...] não dispõe do repertório indispensável à decodificação da linguagem escrita. Literária ou não, a palavra escrita é, por natureza, simbólica e abstrata: remete para *representações mentais* que exigem vivências ou experiências anteriores, para serem compreendidas ou decodificadas. Assim, um texto que pode parecer banal ou fácil para um adulto, na verdade pode representar para a criança um emaranhado de palavras a desafiar sua percepção imatura e incapaz de abstrações.

Por isso a imagem é tão importante na Literatura Infantil, pois essa “fala” tanto quanto a palavra. No entanto, a narrativa visual possui ritmo diferente da verbal. Segundo Amarilha (2004), enquanto o texto mobiliza constantemente a atenção do leitor para que este acompanhe a história, a ilustração favorece a observação e a análise devido a sua imobilidade. Outra característica importante é a possibilidade de ser retomada a qualquer

¹ Esta análise é um recorte da dissertação de Cunha (2019).

momento e analisada com mais detalhes, o que pode levar à percepção de elementos não vislumbrados anteriormente.

Sendo assim, para o leitor iniciante, compreender a narrativa visual é tão importante quanto compreender a narrativa verbal. A ilustração, de acordo com Amarilha (2004, p. 41), “além de deter o enredo da história, também sinaliza sobre o significado das palavras”. Por isso a importância de se instigar o olhar da criança para as ilustrações. Coelho (2000, p. 197) aponta alguns aspectos amplamente desenvolvidos pela linguagem imagem/texto:

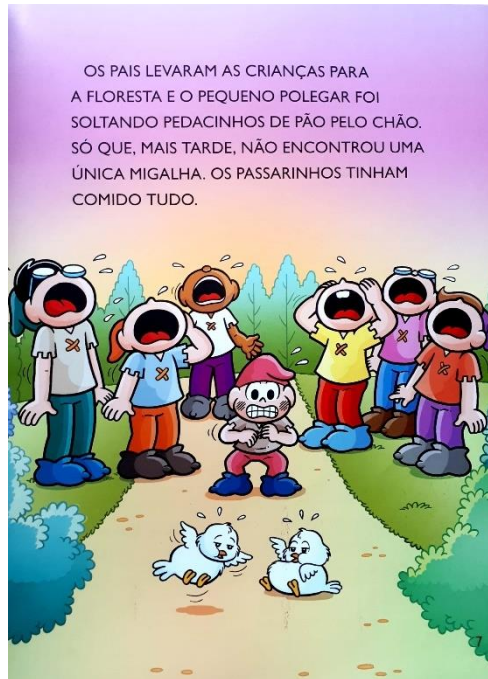
- Estimula o *olhar* como agente principal na estruturação do mundo interior da criança, em relação ao mundo exterior que ela está descobrindo.
- Estimula a *atenção visual* e o desenvolvimento da capacidade de percepção.
- Facilita a *comunicação* entre a criança e a situação proposta pela narrativa, pois lhe permite a percepção imediata e global do que vê.
- *Concretiza relações abstratas* que, só através da palavra, a mente infantil teria dificuldade em perceber; e contribui para o desenvolvimento da capacidade da criança para a seleção, organização, abstração e síntese dos elementos que compõem o todo.
- Pela força com que toca a sensibilidade da criança, permite que se fixem, de maneira significativa e durável, as sensações ou impressões que a leitura deve transmitir. Se elaborada com arte ou inteligência, a *imagem* aprofunda o poder mágico da palavra da *palavra literária* e facilita à criança o convívio familiar com os universos que os livros lhe desvendam.
- Estimula e enriquece a imaginação infantil e ativa a potencialidade criadora — natural em todo ser humano e que, muitas vezes, permanece latente durante toda a existência por falta de estímulo.

2. Eles estão chorando porque ficaram com fome? – Inter-relações entre narrativa verbal e visual

Dada a importância da ilustração nos livros infantis, muitos autores recorrem à esta narrativa — iconográfica — para complementar a textual, evidenciando detalhes e elementos que tornariam a narrativa longa demais se abordados textualmente. De acordo com Arnold (2016, p. 34), “a ilustração pode evidenciar elementos da história não descritos no texto, sob pena de torná-lo extenso e cansativo, ou mesmo ilegível, descaracterizando as ideias de narrativa até aqui construídas”.

Farias (2013) destaca que quando a ilustração vai além do que está descrito no texto, transmitindo ideias implícitas como sentimentos dos personagens, o resultado de ações narradas ou o modo como realizaram algo descrito, a relação estabelecida é de complementaridade. E, neste caso, para compreender a história como um todo, faz-se necessário ler tanto a narrativa verbal, quanto a visual. Na Figura 1, a seguir, é possível observar esta relação nas expressões dos personagens ao perceberem que a ideia do Pequeno Polegar, desta vez, não havia dado certo, e no formato dos pássaros, indicando que estavam com a barriga cheia, resultado de terem comido as migalhas de pão.

Figura 1: Ilustração do livro “O Pequeno Polegar”



Fonte: Sousa (2016a, p. 7).

Porém, quando a imagem retrata exatamente o descrito no texto, a relação estabelecida é de repetição e, neste caso, a ilustração reforça o que já foi dito. Na figura a seguir, é possível observar esta relação, onde a narrativa visual reproduz exatamente o descrito no texto e neste caso a leitura, de ambas narrativas, pode ser independente.

Figura 2: Ilustração do livro “O soldadinho de chumbo”



Fonte: Sousa (2016b, p. 5)

Farias (2013, p. 40) destaca, também, que a leitura de imagem se difere da leitura de texto, por não ser tão linear. “Nessa leitura, componentes da imagem são hierarquizados segundo a intenção do ilustrador e o olho é guiado por esta hierarquia. É comum, em livros para

crianças, o ilustrador dirigir claramente o olhar do leitor, levando-o a percorrer a imagem num sentido dado.”

Aleixo (2014) ressalta que o ilustrador tem um papel fundamental, podendo ser considerado co-autor da obra que ilustra. Esta ideia também é defendida por Farias (2013), que ainda destaca que, na formação de leitores, é importante se ter, também, um trabalho direcionado à leitura de imagens, que instigue e direcione o olhar da criança, que aguçe a sua curiosidade em busca de pistas que auxiliem a decifrar o código ficcional. Desta forma, observa-se que é preciso desenvolver

[...] um trabalho minucioso com as crianças, apontando ou levando-as a descobrir esses elementos técnicos que fazem progredir a ação ou que explicam espaço, tempo, características das personagens etc. [o que] aprofundará a leitura da imagem e da narrativa e estará, ao mesmo tempo, desenvolvendo a capacidade de observação, análise, comparação, classificação, levantamento de hipóteses, síntese e raciocínio (FARIAS, 2013, p. 59).

Todas estas são, reconhecidamente, habilidades fundamentais para a aprendizagem. Arnold (2016, p. 35) ressalta, ainda, que a leitura autônoma é uma habilidade que se desenvolve principalmente pela articulação entre as duas narrativas, “a do texto e a da imagem, e a transcendência das mesmas, pela imaginação e pela capacidade de relacionar os acontecimentos da história, uns com os outros, estabelecendo relações (...) e fazendo inferência sobre o que vai acontecer”.

Deste modo, a ilustração deve ser um dos critérios que precisa ser avaliado na escolha dos livros, pois, como já vimos, essas desempenham um papel fundamental na compreensão da história e, conforme discutiremos mais adiante, as ilustrações fornecem elementos riquíssimos para o desenvolvimento de conceitos matemáticos.

Sendo um elemento indispensável na Literatura Infantil, muitos autores e ilustradores se apoiam na narrativa visual para exemplificar alguns conceitos (não só matemáticos) explícitos, e até implícitos, no texto, auxiliando o leitor na compreensão deste. Normalmente, a ilustração é utilizada de forma complementar ao texto, de modo a destacar detalhes e elementos que, de outra forma, descaracterizariam a narrativa, tornando-a cansativa e longa. Por isso, as crianças precisam ser instigadas a analisar as imagens, de modo a ampliar sua compreensão da história. Esses elementos, se bem estruturados, podem tornar-se uma fonte interessante para a elaboração de materiais didáticos.

A ilustração pode, também, compor junto com a narrativa um provocante desafio, instigando o pequeno leitor a buscar na ilustração pistas para apoiar sua hipótese do que está por vir. Esse raciocínio de antecipação é fundamental não só na compreensão dos textos, como na resolução de problemas de qualquer área do conhecimento e no fazer científico, na modalidade de elaboração de hipóteses, testagem e verificação de resultados.

Na aprendizagem da Matemática, a criança precisa passar da ação à comunicação e, posteriormente, ao registro, que inicialmente é iconográfico (LORENZATO, 2011). Neste sentido, a ilustração torna-se um importante referencial no registro das ações matemáticas, pois serve de apoio tanto à criança que registra apoiada na imagem do livro, quanto à que registra de memória, como também à que se utiliza de símbolos numéricos para fazer o registro.

A seguir serão apresentadas as análises dos contos que visavam a encontrar elementos que permitissem um trabalho voltado para o desenvolvimento de conceitos matemáticos. Como o foco deste trabalho é a construção do conceito do número por crianças da Educação Infantil, buscou-se nas histórias, mais especificamente nas ilustrações, elementos que permitissem desenvolver as ações — denominadas por Lorenzato (2011) como os sete processos mentais básicos para a aprendizagem matemática — de: correspondência, comparação, classificação, sequenciação, seriação, inclusão e conservação. É a partir da coordenação destas ações sobre os objetos que, de acordo com Nogueira (2011), a criança irá consolidar o conceito de número.

3. A tigela maior é do papai urso porque ele é grandão! - A matemática dos contos clássicos

De acordo com Kamii (2007), a criança vai desenvolver a capacidade de estabelecer relações e comparar objetos das mais diferentes formas na interação com o meio em que vive. No entanto, para que construa o conceito de número, necessita estabelecer os mais diversos tipos de relações e vivenciar muitas situações de aprendizagem em que isso seja necessário. Sendo assim, a Literatura Infantil, com sua dupla narrativa verbal e visual, pode constituir-se em mais uma possibilidade de a criança refletir e vivenciar estas situações.

Todas as histórias das coleções foram analisadas, mas somente nas apresentadas no quadro a seguir é que foram encontrados elementos que permitem um trabalho com vistas a desenvolver os processos mentais necessários à construção do conceito de número.

Quadro 1: Processos mentais encontrados nos Clássicos Infantis

Clássicos Infantis	Correspondência	Comparação	Classificação	Sequenciação	Seriação	Inclusão	Conservação	Contagem ²
Cachinhos Dourados	x	x			x			
Branca de Neve	x	x	x				x	x
Três Porquinhos	x							x
Pinóquio		x			x			
O Pequeno Polegar	x	x	x			x	x	x
Soldadinho de Chumbo			x			x		
As 12 Princesas Dançarinas	x		x				x	x
O patinho Feio			x			x		x

Fonte: Cunha (2019, p. 60).

Embora se tenha por objetivo o desenvolvimento de conceitos matemáticos, é importante ressaltar que a contação da história necessita ser preservada como um momento absolutamente prazeroso, instigante e envolvente. E que durante a leitura da história, qualquer questionamento deve ser no sentido de aguçar a atenção, a imaginação

² Embora *Contagem* não seja um processo mental, foi incluída no quadro devido a sua importância no processo de construção do conceito de número.

e capacidade de antecipação do que está por vir, tomando o cuidado de não interromper o fio da narrativa e de garantir espaço para a comunicação, uma vez que essa é fundamental em todo processo de aprendizagem pois, de acordo com Maria (2009), é a comunicação que modela a atividade mental.

Apresentado o quadro anterior, passaremos agora a comentar, de maneira mais detalhada, algumas imagens analisadas.

Na história da “Cachinhos Dourados”, por exemplo, durante a contação, pode-se questionar que objeto pertence a qual personagem, pois a narrativa apresenta os utensílios domésticos como sendo o maior do papai urso, o médio da mamãe urso e o pequeno do ursinho. Isso pode ser observado na ilustração a seguir, nas tigelas de mingau de tamanhos diferentes.

Figura 3: Ilustração do livro “Cachinhos Dourados”



Fonte: Sousa (2015a, p. 5).

Este tipo de questionamento estimula a criança a fazer *comparação* de tamanho, para posteriormente fazer a *correspondência* do objeto ao seu respectivo dono. Pode-se ainda, instigar os ouvintes a perceberem que a família urso está organizada numa série do menor ao maior, ou ao contrário, dependendo do ponto de referência. O mesmo pode ser feito na ilustração seguinte, onde pode-se questionar como estão organizadas as camas e a quem pertencem, sempre pedindo que as crianças justifiquem suas respostas.

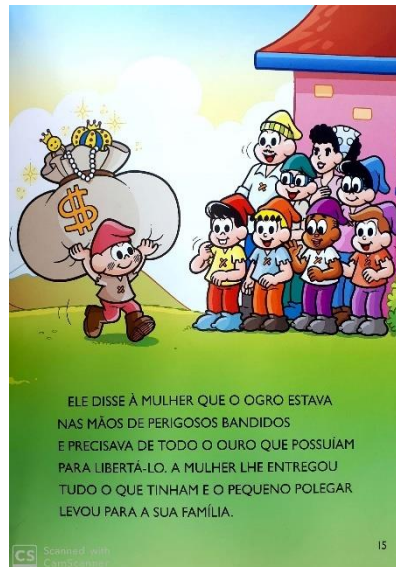
Figura 4: Ilustração do livro “Cachinhos Dourados”



Fonte: Sousa (2015a, p. 10-11)

Outra opção pode ser retomar as ilustrações após a contação da história e instigar reflexões. Tomando como exemplo “O Pequeno Polegar”, tendo em mãos a ilustração (figura 5) em que aparece toda a família reunida, é possível questionar: Quantas pessoas aparecem na imagem? Quantas são adultas? Quantas são crianças? Quantas têm cabelo preto? Estas questões estimulam os alunos a fazerem *comparação* e *classificação*.

Figura 5: Ilustração do livro “Pequeno Polegar”



Fonte: Sousa (2016c, p. 15).

Posteriormente é possível questionar se, na ilustração, aparecem mais crianças que pessoas, ou mais adultos que pessoas. “Isto estimula a percepção das partes contidas num todo, ou seja, de um conjunto dentro de outro, proporcionando o desenvolvimento do processo de *inclusão*” (CUNHA, 2019, p. 64).

As ilustrações dos contos “O Patinho feio” e “O Soldadinho de Chumbo” também permitem este mesmo tipo de atividade. Com as seguintes ilustrações, é possível trabalhar conceitos de *comparação*, *classificação* e *inclusão*, a partir de questionamentos como:

(figura 6) Quantos animais aparecem na imagem? Quantos têm pena? Quantos têm pelo? Quantos têm quatro patas? – questões que estimulam a *comparação* e *classificação*. Em seguida, com o intuito de trabalhar o processo de *inclusão*, pode-se questionar se existem mais patos que animais, ou mais galinhas que animais. Quanto a Figura 7, podem ser feitas questões como: Quantos brinquedos aparecem na imagem? Quantos são de pelúcia? Quantos tem roda? Quantos são animais de brinquedo? Quantos parecem pessoas? E por fim: Tem mais Soldadinhos de Chumbo que brinquedos?

Figura 6: Ilustração do livro “O Patinho Feio”



Fonte: Sousa (2016a, p. 6)

Figura 7: Ilustração do livro “O Soldadinho de Chumbo”



Fonte: Sousa (2016b, p. 4)

No que se refere às quantidades, faz-se necessário levar os alunos da Educação Infantil a “quantificar objetos logicamente e a comparar conjuntos (em vez de encorajá-las a contar)” (KAMII, 2007, p.43). Isso é possível, por exemplo, quando se mostra imagens em que aparecem diferentes quantidades dos personagens da história, como no

conto “O Pequeno Polegar” (Figura 8) para, em seguida, se questionar em qual delas tem mais elementos (neste caso, crianças).

Figura 8: Ilustração do livro “O Pequeno Polegar”



Fonte: Sousa (2016c, p. 8-9).

Nestas atividades é importante, além de abrir espaço para as crianças se expressarem, estar atento para qual estratégia elas utilizam para tentar resolver a questão: se o fazem pela distribuição espacial, pela *correspondência* ou pela *contagem*.

Em ilustrações em que não aparecem todos os personagens (como no caso da figura anterior), é possível questionar quantos estão faltando ou estão escondidos, o que favorece o desenvolvimento do processo de *conservação* de quantidade, uma vez que desenvolve noções de adição e subtração.

Ainda no que se refere à comparação de conjuntos, é possível desenvolver o processo de *conservação* apresentando distintas imagens em que aparecem todos os personagens da história, porém distribuídos de forma diferente, e questionar em qual delas há mais deles ou se ambas têm a mesma quantidade. “Este tipo de questionamento favorece a percepção de que as quantidades não mudam de acordo com a organização espacial. É importante escolher ilustrações que, visualmente, tenham tamanhos diferentes” (CUNHA, 2019, p. 65). A ilustração a seguir, do conto “Branca de Neve”, é um bom exemplo disso. Trabalho semelhante pode ser desenvolvido com as ilustrações do conto “As Doze Princesas Dançarinas”.

Figura 9: Ilustração do livro “Branca de Neve”



Fonte: Souza (2016, p. 8-9).

Contudo, nem sempre a análise e a reflexão sobre as ilustrações é a melhor estratégia. Considerando que o público alvo se trata de crianças da Educação Infantil, às vezes faz-se necessário a utilização de figuras móveis, as quais podem ser cópias das próprias ilustrações.

Após a leitura de “Branca de Neve”, por exemplo, pode-se oferecer as imagens dos anões, de gorros, de pratos, de copos e de camas e pedir que as crianças peguem apenas a quantidade necessária para dar um gorro para cada personagem, repetindo o processo com os demais objetos. Vale ressaltar que devem ter mais objetos que o necessário, para que as crianças tenham de relacionar os dois conjuntos ao executar a tarefa. O que não aconteceria se fossem orientadas a darem um gorro, ou prato para cada personagem, pois poderia realizar a tarefa sem estabelecer qualquer relação entre os conjuntos. Tal atividade também pode ser realizada com os contos “O Pequeno Polegar” e “As 12 Princesas Dançarinas”.

4. Conclusões – Posso “ver” de novo?

Diante do exposto, destaca-se a importância das ilustrações tanto para a compreensão da narrativa verbal quanto para a realização de atividades que pretendam desenvolver a aprendizagem de conceitos matemáticos a partir da Literatura Infantil pois, conforme evidenciado, é a narrativa visual que muitas vezes fornece os elementos necessários para essa inter-relação.

Nas coleções analisadas, as ilustrações estabelecem uma relação de repetição com o texto apenas em algumas passagens. Em sua maioria, as ilustrações apresentam relações de complementaridade, enriquecendo a narrativa e fornecendo elemento que favorecem sua compreensão.

Sendo assim, um professor que pretenda inter-relacionar Literatura Infantil e Matemática precisa fazer uma análise atenta de ambas as narrativas. Para além de imagens

que agradam aos olhos, bem delineadas e coloridas, o livro precisa conter ilustrações que narrem tanto quanto o texto, que suscitem questionamentos e hipóteses para além do que está dito.

Outro ponto que precisa ser destacado é a necessidade de um trabalho voltado para a leitura de imagens, que instigue a atenção, a observação dos detalhes que complementam a história e que leve o leitor a diferenciar a ilustração que contém o fio condutor da narrativa da que é apenas mais um detalhe. Esse trabalho necessita ser sistemático e progressivo, de modo que a criança desenvolva atitudes leitoras que permitam que a ilustração mantenha seu caráter enriquecedor do texto e não se torne unicamente reprodutora da narrativa verbal. A leitura autônoma perpassa a leitura de imagens e um trabalho voltado para a análise de ilustrações favorece, para além da aprendizagem de conceitos matemáticos, o desenvolvimento da capacidade leitora.

Deste modo, a ilustração deve ser um item analisado, cuidadosamente, durante a escolha de um livro quando se pretende utilizá-lo no ensino da Matemática. É preciso compreender qual relação é estabelecida entre a narrativa iconográfica e a textual e como estas podem apoiar a elaboração de atividades subsequentes à contação da história.

5. Referências

- ALEIXO, E. A. *Palavras e imagens que tecem histórias: ilustradores/escritores e a criação literária para a infância*. 2014. 310 f. Tese (PPG Educação, conhecimento e inclusão social) – Faculdade de Educação, UFMG. 2014.
- AMARILHA, M. *Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica*. 6. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- ARNOLD, D. S. *Matemáticas presentes em livros de leitura: Possibilidades para a Educação Infantil*. 2016. 182 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Matemática) – Instituto de Matemática, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- BETTELHEIM, B. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. 34^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- COELHO, N. N. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- CUNHA, A. V. da. *Guardados do baú da vovó: sobre matemática, contação de histórias e a construção do conceito de número*. 2019. 104 p.: il.color. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia) — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Pelotas, 2019.
- FARIAS, M. A. *Como usar a Literatura infantil na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2013.
- KAMII, C. *A criança e o número: implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação com escolares de 4 a 6 anos*. 35^a edição. Campinas: Papirus, 2007.
- LORENZATO, S. *Educação Infantil e percepção matemática*. Campinas. Autores Associados LTDA, 2011.
- MACHADO, A. M. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MARIA, L. de. *O clube do livro. ser leitor – que diferença faz?* São Paulo: Globo, 2009.

- SOUSA, M. de. *O patinho feio*. Coleção Clássicos Ilustrados. São Paulo: Maurício de Souza: Girassol Brasil, 2016a.
- _____. *O soldadinho de chumbo*. Coleção Clássicos Ilustrados. São Paulo: Maurício de Souza: Girassol Brasil, 2016b.
- _____. *O pequeno polegar*. Coleção Clássicos Ilustrados. São Paulo: Maurício de Souza: Girassol Brasil, 2016c.
- _____. *Cachinhos Dourados*. Coleção Clássicos para sempre. São Paulo: Maurício de Souza: Girassol Brasil, 2015a.
- _____. *Pinóquio*. Coleção Clássicos para sempre. São Paulo: Maurício de Souza: Girassol Brasil, 2015b.
- _____. *Os três porquinhos*. Coleção Clássicos para sempre. São Paulo: Maurício de Souza: Girassol Brasil, 2015c.
- _____. *As 12 princesas dançarinas*. Coleção Clássicos para sempre. São Paulo: Maurício de Souza: Girassol Brasil, 2015d.
- _____. *Branca de Neve*. Coleção Clássicos para sempre. São Paulo: Maurício de Souza: Girassol Brasil, 2015e.